Revista Illustrada de Portugal e do Extrangeiro

Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte, m. forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)...	4$000	2$000	—$—	—$—
Extrang. (união geral dos correios)	5$000	2$500	—$—	—$—

15.º Anno — XV Volume — N.º 499

1 DE NOVEMBRO DE 1892

Redacção – Atelier de Gravura – Administração
Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empreza do Occidente, sem o que não serão attendidos. — Editor responsavel Caetano Alberto da Silva.

ALBERTO

ERNESTO RENAN

Fallecido em Paris no dia 2 de outubro de 1892

CHRONICA OCCIDENTAL

Ha uns annos a esta parte que os invernos que ordinariamente tinham no nosso paiz um aspecto pacato, inoffensivo, se assignalam, por catastrophes medonhas, gigantescas, d'essas que dão que fallar de si e por muitos annos vivem na memoria consternada dos povos.

O inverno d'este anno quiz seguir a tradicção lugubre d'esses invernos que deram á historia dos desastres memoraveis, o naufragio do *Ville Victoria*, os temporaes da Povoa de Varzim e do Furadouro, e apenas entrou em Portugal deu signal tragico da sua chegada, com uma catastrophe horrivel que encheu de terror, de consternação, de lucto, uma das nossas velligiaturas mais alegres e divertidas — as Caldas da Rainha.

Na noite de quarta feira 27, cahiu sobre todo o Portugal uma tempestade horrivel d'essas que felizmente só raras vezes nos visitam.

Cerca das 11 horas da noite o temporal, que naturalmente foi ainda mais violento no mar do que em terra, atirou com o paquete inglez *Roumania*, que passava nas alturas de Peniche, vindo de Glasgow com destino a Bombaim, sobre os baixos ro chedos do Gronho, — sitio perigosissimo pelas suas rochas, entre Peniche e a foz do Arelho.

O Gronho é perfeitamente deserto e o *Roumania* despedaçou-se todo, os passageiros e os tripulantes morreram quasi todos afogados depois d'uma longa e inutil lucta pela vida, n'uma agonia atroz sem que em terra se soubesse coisa alguma d'essa horrenda tragedia, que a poucos passos se estava passando

Só doze horas depois, ás 11 da manhã de sexta feira é que em Peniche se soube do naufragio, quando o mar começou a arremessar á costa algumas das suas desgraçadas victimas.

O *Roumania* trazia a seu bordo 129 pessoas, 55 passageiros e 74 tripulantes.

Entre os passageiros havia 35 mulheres, 10 creanças e muitos officiaes do exercito inglez.

D'essas 129 pessoas apenas se salvaram 9: — psssageiros e sete tripulantes. Entre estes 7 tripulantes salvos, ha um indio portuguez, natural de Salsete, e que se chama Francisco Xavier Moreno, mas que apesar de portuguez mal sabe fallar a nossa lingua.

Pelas informações dadas por esses tripulantes salvos, informações muito vagas, pois todos elles estão ainda cheios de pavor e mal podem juntar duas idéas, a historia do naufragio é a seguinte:

O capitão do *Roumania*, um velho lobo do mar, pois já ha 25 annos que tivera um naufragio na sua carreira, chamava-se England, era um excellente homem, corajoso, alegre, jovial. Na noite do sinistro o capitão vinha deitado no seu beliche.

O tempo estava muito mau em torno do navio havia grande cerração, e por um engano de rumo o *Roumania* foi d'encontro aos rochedos da praia de Gronho. Apesar do mau tempo, a bordo, á excepção dos tripulantes que estavam em serviço, tudo dormia descançadamente.

De repente ouviu-se um grande estrondo.

Era o navio que batia nos rochedos, e quasi que immediatamente o *Roumania* abriu-se pelo meio, a agua invadiu o navio que começou a afundar-se, com uma rapidez medonha.

O capitão England, accordado pelo estrondo do choque, ergueu-se d'um salto e correu ao convez. Logo ao primeiro relancear d'olhos comprehendeu que tudo estava perdido e para não sobreviver a essa enorme catastrophe, atirou se ao mar, indo encontrar nas ondas a morte.

Os passageiros e tripulantes do *Roumania* foram quasi todos assim surprehendidos pela morte no meio do seu somno, e d'ahi o apparecerem quasi todos os cadaveres em nudez completa

Muitos d'esses cadaveres teem sido já arrojados á praia. como tambem grande parte da carga que era importante, no valor de uns 450 contos approximadamente.

Como acontece sempre n'estas grandes desgraças apparecem logo numerosos gatunos, que, utilisando a desgraça alheia em proveito proprio, lançaram mão dos despojos que o mar vinha trazer á costa.

Tres homens de Peniche que queriam apanhar uns fardos que andavam boiando foram levados pelas ondas e d'ali a nada cuspidos mortos na praia. Em Peniche, Obidos e Caldas é enorme a consternação, e os sinos das igrejas, desde que se teve conhecimento do catastrophe, dobram continuadamente.

Ha episodios dolorosamente dramaticos como ha sempre n'estas medonhas tragedias do mar.

Um dos naufragos salvos o capitão Hamilton vinha a bordo com sua esposa. Quando se deu o choque o capitão agarrou n'ella para fugir para o escaler, onde se salvaram os unicos naufragos que escaparam á morte, mas ao passar pelo convez um balanço mais forte atirou-o d'encontro a uma viga e a pancada violenta que recebeu fel-o perder os sentidos.

Quando voltou a si estava em terra já, mas sua esposa não appareceu mais e o pobre homem está como louco

Entre os destroços, que vieram á praia, appareceu um album de retratos com o retrato d'um velho. Tem uma dedicatoria a sua filha, assignada e datada da vespera da partida do *Roumania*, de Glasgow.

O cadaver da senhora a quem o retrato era offerecido appareceu na praia momentos depois, mesmo ao pé do retrato de seu pae.

*
* *

A importancia enorme da catastrophe de Peniche, d'essa colossal tragedia em que morreram 120 pessoas, deu em resultado não serem fallados os outros pequenos desastres que o temporal medonho d'essa noite de 27 de outubro occasionou por todo o paiz.

Em Lisboa houve innundações em varias ruas: os campos por ahi acima até ao Porto ficaram todos alagados, a linha ferrea esteve interrompida perto do Pombal pelo espaço de quatro horas e no Porto o temporal fez se sentir violentamente, mas sem haver desgraças pessoaes.

No rio Douro houve varias embarcações voltadas, e no Palacio de Chrystal o temporal derrubou um chalet que havia logo á entrada do jardim, ao pé da porta do serviço dos Carros Americanos, e que fôra feito por occasião da ultima exposição industrial. Os prejuizos foram de certa importancia, e calculam-se em tres contos de réis.

*
* *

E a proposito do Palacio de Chrystal cumpre-nos aqui registar com grande elogio para a sua administração os melhoramentos enormes que foram feitos ultimamente nos jardins do Palacio, e que os transformaram n'um verdadeiro encanto, no parque mais formoso que ha em todo o paiz.

Pela parte de traz do palacio foi aberto um grande lago, com uma gruta lindissima, e que veio accrescentar mais uma nota pittoresca a esses bellos jardins.

Estivemos lá dois dias e com muita admiração e pena notámos que apesar da belleza extraordinaria d'aquelle formoso parque elle estava quasi que deserto.

Como acontecia d'antes em Lisboa com o fallecido Passeio Publico, o Palacio de Chrystal só é frequentado aos domingos e ás quintas feiras

No Passeio Publico ainda se comprehendia isso porque a não ser para ver gente não havia n'elle nada mais que ver: mas com o Palacio de Chrystal não se dá o mesmo caso pois não ha em todo o Porto, nem em todo o paiz passeio mais bonito e pittoresco do que aquelle.

Estivemos no Porto como acabamos de dizer e fomos ali na companhia dos nossos queridos amigos e collaboradores D. João da Camara e Cyriaco de Cardoso assistir á decima quinta recita do *Burro do sr. Alcaide*, recita que pela empreza do theatro do Principe Real nos foi gentilmente dedicada e faltariamos ao mais imperioso dos deveres se não agradecessemos aqui, publicamente, ao illustre actor Taveira, o intelligente emprezario d'aquelle theatro, a todos os artistas da sua companhia, á illustrada imprensa portuense e ao publico do Porto as distincções com que nos honraram, as amabilidades de que nos encheram, a festa brilhantissima em que transformaram a modesta recita 15ª da nossa pobre opera comica.

Toda essa recita foi uma verdadeira festa, mercê da amabilidade do publico e da gentileza da empreza e no fim da representação o sr. Taveira offereceu-nos no Salão do Theatro uma lauta ceia, ceia em que tivemos occasião de travar mais amplo conhecimento com os excellentes artistas d'aquella companhia, com muitos dos nossos mais illustres confrades da imprensa do Porto, ceia em que se trocaram os mais cordiaes brindes e que terminou ao amanhecer deixando nos no espirito as mais gratas e saudosas recordações, d'essas recordações que nunca mais se apagam.

O desempenho que o *Burro do sr. Alcaide* tem no Porto é excellente, Angela Pinto, Elvira Mendes. e Dias já nós conheciamos nos seus papeis que elles fazem d'uma maneira distinctissima, mas nunca tinhamos visto José Ricardo no papel de Alcaide, que elle faz com uma graça original e expontanea verdadeiramente superior, Emilia Eduarda que é uma soberba D. Mansa, Aurelia dos Santos que canta como uma grande cantora que é, as coplas populares da entrada do 2.º acto, e que dá um grande relevo a todo o papel de Fidelino com a sua explendida voz de soprano, Thereza Pratas, uma mulher formosissima, e uma actriz talentosa, que faz excellentemente, com muita alegria e com muita vida o papel de Affonsa, Santos que faz muito bem o papel de Zacharias, e os trez artistas que fazem os papeis de Faisca e de Golphinho e de Annica com graça e animação.

Os coros no Porto são magnificos, magnifica a orchestra excellentemente regida pelo nosso velho amigo, o illustre artista o sr. Thomaz Del-Negro.

E é com certeza a esse bello desempenho, a esse excellente conjuncto que o *Burro do sr. Alcaide* deve em grande parte o extraordinario sucesso que alcançou no Porto e que nos enche a nós todos de gratidão para com esses excellentes artistas, para com a imprensa e para com o publico do Porto que tão festivo e amavel acolhimento fizeram á nossa peça.

*
* *

As festas de Madrid parece que foram enguiçadas.

Ha que tempos já que principiaram e no fim de contas ainda não principiaram a valer, por causa da doença do pequeno rei, doença que nas regiões officiaes se affiança não ter gravidade alguma; mas que se tem prolongado impertinentemente.

Por causa d'essa doença a viagem dos Reis de Portugal a Madrid que ficara adiada de 25 de outubro para trez ou quatro do corrente tornou a ser de novo adiada e ainda se não sabe quando se realisará.

De Madrid dizem-nos que os numerosos estrangeiros, que ali estão e que tinham vindo á Hespanha unicamente para assistir ás festas Colombinas estão furiosos pela lentidão e semsaboria com que essas festas se tem realisado e pelos successivos addiamentos dos festejos mais importantes.

A estas contrariedades ha a juntar tambem o preço exhorbitante dos hoteis e a invernia medonha que tem feito em Madrid, onde dias e dias tem chovido torrencialmente sem descanço d'um minuto.

E aqui teem como essas festas que se annunciaram tão brilhantes, teem andado verdadeiramente enguiçadas!

*
* *

A litteratura franceza tem sido agora experimentada terrivelmente pela morte.

Em menos de quinze dias a França perdeu tres homens de lettras distinctissimos, Ernesto Rénan, Camille Rousset e Xavier Marmier e agora acaba de perder um dos seus mais brilhantes humoristas, Albert Millaud, o engraçadissimo phantasista comico do *Figaro* o auctor victoriado da *Nitouche*, da *Lili*, da *Niniche*, do *Coupé 117*, da *Madame l'archiduc* e de tantas outras operetas e vaudevilles celebres em que elle prodigalisava a mãos cheias a sua verve brilhante e o seu inexgotavel humorismo.

Algumas das obras de Albert Millaud foram muito applaudidas nos nossos theatros, fizeram successo em Lisboa, como por exemplo a *Nitouche*, a *Niniche* e o *Coupé 117*, e é justo que o publico que tantas gargalhadas deu com o espirito de Millaud, dê agora uma lagrima ao menos á sua memoria.

Gervasio Lobato.

AS NOSSAS GRAVURAS

ERNESTO RENAN

«Ernesto Renan morreu no dia 2 de outubro ás 6 horas da manhã, no quarto que occupava no Collegio de França. Completava 70 annos no dia 26 de fevereiro proximo futuro. A sua saude estava alterada ha já cerca d'um anno, mas as suas faculdades foram sempre limpidas até ao ultimo mo-

mento. Affirma se que no sabbado dictou a seu filho uma pagina sobre os *Pharaons.*

Havia dito que não temia a morte, isto no caso que ella lhe désse o fim d'um só golpe mas que não queria morrer por partes. Temia por si proprio e pela memoria, os desfallecimentos da ultima hora. Foram-lhe poupados. O Renan de domingo 2 de outubro era o Renan todo inteiro. O corpo soffria, mas o espirito erguia se vigorosamente, acabou assim a *Historia das Origens do Christianismo* que é e será a grande obra da sua vida. O quarto volume está impresso, corrigiu as provas; o livro apparecerá breve. O quinto que completa a obra está impresso tambem. Renan que era difficil de se contentar, corrigia as provas com minucioso cuidado, não havia ainda acabado o seu trabalho de revisão. Eis tudo o que a morte podia ter-lhe ganho. Havia levado as provas para a Bretanha, quando uma brusca transformação da doença obrigou a familia a trazel-o a França. Ainda oito dias não haviam decorrido apoz a volta e el-o já morto. As lettras francezas não podiam soffrer uma perda maior.

Ernesto Renan tinha nascido em Treguier a 26 de fevereiro de 1823, n'uma casa que tornou propriedade sua, e que elle a alugava a gente pobre e perfeitamente incapaz de pagar-lhe aluguer. Seu pae era capitão de cabotagem. Não se sabe como morreu. Foi encontrado um dia o corpo, n'uma praia deserta. Renan tinha um irmão, Alano, e uma irmã chamada Henriqueta, actualmente fallecidos. Escreveu sobre esta irmã uma noticia que é uma incomparavel obra prima. Não tirou mais de cem exemplares; penso que virá a agora a publico. A familia privada do seu chefe conheceu dentro em pouco a miseria e seus horrores. Um parente, que era padre e professor no Collegio concebeu o projecto de, das suas economias, de seu parco ordenado fazer face aos estudos do pequeno Ernesto e leval-o até ao presbyterio. Este projecto confirmou se, pelos felizes exitos durante os primeiros annos. A criança distinguia-se entre todos os seus rivaes, e insinuava-se no espirito dos mestres pelo caracter piedoso e amoravel de que era dotado. Tão grande foi o brilho dos seus triumphos que mr. Dupanloup, que não era ainda d rector do pequeno seminario de *Saint-Nicolau du Chardonnet*, o chamou a Paris. Renan esteve tres annos sob a direcção de mr. Dupanloup, estudou em seguida um anno de philosophia em Issy, e entrou em *S. Sulpice*, para estudar theologia. Começou ao mesmo tempo o estudo do hebraico, e fez tão rapidos progressos que poude no anno seguinte suprir na sua cadeira M. le Hinin, seu professor.

O abbade Renan teria então vinte e tres annos e não era mais que clerigo tonsurado. O momento do voto irrevogavel approximava-se. Fallando mais tarde da determinação que tomára Renan dizia: «só me detiveram razões philologicas».

Tinha coração de christão e espirito de philosopho. O christão era terno, delicado e escrupuloso, inclinando-se para as idéas mysthicas, o philosopho era perspicaz, logico, corajoso, e servido por uma sciencia já bastante extensa e que mais não fez do que desenvolvel a durante toda a sua vida. Trabalhava sem interrupção, e o seu trabalho produzia muito, porque elle tinha o dom prodigoso e maravilhoso de advinhar e anteciper. Os ultimos tempos da sua estada em S. Sulpicio foram crueis; via o catholicismo fugir-lhe e lamentava o amargamente. Pode se dizer que andou toda a vida para o progresso lamentando o passado. Estes pezares eram para elle um trabalho e não um entrave. Possuia no mais alto grau a coragem do espirito, e mais rara de todas as coragens.

Independentemente do grande susto que o devia assaltar no momento de renunciar á carreira e á fé catholica, sentia um escrupulo que mostra bem a delicadeza da sua consciencia. Seu tio tinha, durante alguns annos, economisado das suas missas para fazer d'elle um padre. Perguntava a si proprio se não commetteria uma falta para com o seu protector, renunciando. Veio cheio de candura consultar-me sobre este escrupulo e foi por aqui que começou entre nós uma amizade que não se desmentio durante meio seculo.

Achava se ao sair de S. Sulpicio litteralmente sem recursos. Não tinha fato para substituir a sotaina e além d'isso não tinha para comer, nem trabalho.

Ganhou primeiro, o pão de cada dia no duro mister de professor; depois M. Hauréau director da Bibliotheca Nacional, poude com grande custo dar-lhe, n'este grande centro d'erudição, um modesto emprego, como se elle fôra o ultimo dos ignorantes. Finalmente, para acabarmos com a apreciação dos pontos materiaes, que são apenas uns mediocres accessorios na sua vida, porque a historia de Renan é a historia do trabalho de Renan, conquistou em trez annos o bacharelato, a licença, a philosophia, recebeu dois premios da *Academie des inscriptions*, foi encarregado por ella d'uma missão na Italia Achou se membro da Academia na idade de 33 annos; foi nomeado em 1862 professor de hebraico no Collegio de França, o que era o cumulo da sua ambição, o que lhe foi revogado no mesmo anno, apóz a primeira lição, por ter chamado a Jesus Christo um homem excellente. Cobria Jesus Christo de flores fazendo-o o primeiro dos homens, mas um homem. Os catholicos gritaram tão alto que o ministro foi obrigado a ceder. Fui eu que restabeleci Renan na sua cadeira em setembro de 1870, sem que elle m'o pedisse. Succedeu mais tarde, como administrador do Collegio, a La Boulaye. Emfim, foi eleito membro da Academia Franceza, onde elle reintegrou Claudio Bernarde, em 1878. Eis em algumas palavras toda a sua carreira. Nada teria omittido se mencionasse duas candidaturas: uma á Camara dos deputados, outra ao Senado. Teria amado a politica. Tinha bons olhos para ver claro n'este chaos; mas estava fóra do seu ponto de vista. Nem sempre é bom em politica ver antes dos outros.

Trez acontecimentos tiveram uma grande influencia na sua vida social, e por incidencia na sua vida intellectual. Sahindo de S. Sulpicio, e durante o tempo que foi professor para angariar a subsistencia n'um pequeno pensionato da rua de S. Jacques, travou uma amisade indissoluvel com Berthelot, então seu companheiro de miseria, e depois seu collega de gloria.

Em 1850, sua irmã Henriqueta, que havia sido educada na Polonia, veio para Paris viver com elle. Teve então pela primeira vez um lar. Gosava da intimidade dos conselhos d'esta mulher *d'élite*, que o levou a emprehender a sua grande obra. Veio em seguida o seu casamento com a filha de Henrique Scheffer, o pintor de Carlota Corday, sobrinha d'Ary Scheffer, o pintor de Mignon.

Sabe se que na viagem á Judéa e á Phenicia á qual dedicara a *Vida de Jesus*, foi acompanhado por sua esposa e por sua irmã. M. Eduardo Lachroy, mais tarde ministro, foi addido como artista desenhador á expedição. E' recordando toda esta vida no seu pensamento que Renan diz de si proprio que não devia a Deus senão acções de graça. Não contava annos dolorosos a não serem os da sua juventude. Eu creio mesmo que os supportou com resignação e talvez com alegria. Alguns estão sempre a atormentar-se pelo que lhes falta. Renan passava a sua vida regosijando-se com o que tinha. Via sempre por si e pelos outros, o bom lado em todas as cousas.

E' verdade que, se analysarmos n'este momento a sua carreira intellectual, veremos que é uma succession de triumphos.»

Assim se exprime Julio Simon fallando de Renan, em um artigo biographico que publicou na *Illustration* e que traduzimos em parte.

Não é esta a occasião para avaliar a obra de Renan. Ainda não se extinguiram talvez os echos das grandes discussões que ella provocou, discussões em que, diga se a verdade, Renan não ficou vencedor.

A sua obra é grande, mas a sua utilidade é que é contestavel. Se d'ella se originou o livre pensador, parece nos que a humanidade não tem muito a applaudir se por esta criação. A dissolução da familia, o desrespeito das leis, o amor excessivo dos gosos, o imperio do dinheiro, a exploração do proletario, não são coisas de molde a conduzir á prefectibilidade social e humana, e cremos que a escola dos livres pensadores ainda não produziu outros effeitos apreciaveis.

Repetimos, não entramos agora na apreciação da obra de Renan, e seria mesmo ridiculo pretender accrescentar mais argumentos aos que se produziram depois de 1863 em volta da sua obra a *Vida de Jesus*, para demonstrar o erro de Renan.

Esse erro originou-se no momento em que o espirito de Renan se insurgiu contra a divindade de Jesus, e desde esse momento, quando ainda bem novo, só procurou achar razão ao seu espirito e de tal modo se convenceu, que bem se póde dizer tornou-se sincero.

Negar a divindade de Jesus e adorar a sua doutrina é incontestavelmente uma contradição, mas a sua philosophia arrastou o a ella.

A *Vida de Jesus* foi a sua obra de sensação que lhe levou o nome a todo o mundo catholico, se foi só isto que Renan quiz conseguir, conseguio-o ruidosamente.

No entanto outras são as suas obras, mais valiosas que deixou, especialmente a *Historia das linguas semiticas* «Alem d'esta, escreveu e publicou: *Os evangelhos e a segunda geração christã; A Egreja Christã; Marco Aurelio e o fim do mundo antigo; Historia do povo de Israel; O livro de Job; O Ecclesiastico; O cantico dos canticos; Estudos da Historia Religiosa; Novos Estudos da Historia Religiosa; Averroeï e o averrosimo; Historias e Viagens; Ensaios de moral e de critica; Questões contemporaneas; Dramas philosophycos; Reforma intellectual e moral; Dialogos philosophicos; Origem da linguagem; Agua de juvenţe; Calibau, O padre Nemi; Recordações da Infancia e da Juventude: A abbadessa de Jouaree; Discursos e conferencias; Missão de Phenicia; O futuro da sciencia; Paginas escolhidas; Conferencias de Inglaterra;* e de collaboração com Victor Le Clerc, *A Historia litteraria da França no seculo* XIV.

O seu ultimo livro é *Folhas soltas*, continuação das *Recordações da infancia e da juventude.*

Era um mestre da sua lingua e ao brilho do seu estylo e pureza de linguagem deveu tambem a grande fama de litterato.

A sua sciencia foi muito contestada, mas as bellezas litterarias dos seus livros fizeram principalmente a sua gloria de escriptor.

Ernesto Renan era socio correspondente da Academia Real das Sciencias de Lisboa.

BRINQUEDOS SCIENTIFICOS NORTE-AMERICANOS

O dia primeiro de maio é o preferido pelos vendedores ambulantes em Nova York para exhibirem em Broadway as novidades da epoca: n'aquella formosa avenida da grande metropole commercial da America do Norte, figuram então numerosos objetos de nova invenção ou cuidadosamente reformados, taes como utensilios culinarios, artigos de toucador, microscopicos baratos, brinquedos scientificos e de engenhosa fórma que alcançam um exito colossal, e ás vezes, passando o Atlantico, adquirem nomeada.

Dos brinquedos d'este genero apparecidos no presente anno e cujas gravuras damos, são o *acrobata* e o *volteador* e os dois tem o seu fundamento na sensivel applicação das leis da gravidade.

O primeiro consiste n'uma figura de papel adherida a um tubosinho de crystal cujas extremidades são hermeticamente fechadas; em cada uma d'estas ha um disco de papelão de fórma semi-circular, como se vê da gravura, e no tubo está encerrada uma gota de mercurio que póde rolar sem obstaculo d'entro d'aquelle diminuto recipiente.

Collocado o acrobata no sentido vertical, n'um plano ligeiramente inclinado, a gota de mercurio o obrigará pelo seu proprio peso, a baixar a cabeça e os pés, alternativamente em linha recta, até á extremidade do plano.

No mesmo principio se funda o segundo brinquedo. O *volteador* é uma variante do anterior; a gota de mercurio guardada obriga o a dar voltas incessantemente sobre o plano inclinado, porque a superficie convexa das extremidades o impede de parar na posição vertical e ainda menos na horisontal.

O que ha porém de mais curioso n'estes brinquedos, é serem uma edição correcta e augmentada do classico *boneco de sabugo* de quem nossos avós guardaram por largos annos de divertida memoria a recordação de muita gargalhada sugerida por elle.

Descripção da viagem á Mussumba do Muatiânvua

Com este titulo temos sobre a nossa banca de trabalho mais um livro do benemerito e erudito explorador das regiões africanas o nosso amigo Henrique de Carvalho.

O Occidente do anno de 1890 a pag.as 202, 211, e 243 do vol. XIII descreveu a viagem do major Henrique de Carvalho desde a sua saida de Loanda até chegar ao rio Cuango, ponto onde começam os paizes que pertencem ou estão sob o dominio do Muatiânvua.

O presente tomo (II da *descripção da viagem*) trata desenvolvidamente do percurso desde o rio Cuango, na fronteira leste da nossa provincia de Angola, até á chegada ao palacio ou *mussumba* do imperador da Lunda.

N'este trabalho do major Henrique de Carvalho temos a attender, particularmente, a parte politica por isso que é publicado depois do conflicto com a Inglaterra.

Na costa oriental a questão era, e é, gravissima porque temos de perdêl-a, sem compensação de

VIAGEM A' MUSSUMBA DO MUATIANVUA

qualidade alguma, a não ser para os tratadores; mas não era assim já com a costa occidental, a nossa poderosa provincia de Angola, que estava indemne dos ataques gananciosos e, diga-se toda a verdade, devido á attitude de um amigo de Portugal o actual Muatiânvua e á intelligente e patriotica diplomacia que o major Henrique de Carvalho sempre usou com elle.

Todo este monumental trabalho ficará mutilisado se o governo não accudir, immediatamente, em cumprir á risca todas as indicações, acceitar todos os conselhos, no sentido de fazer executar os importantes tratados que assignaram aquelles povos com o major-chefe da expedição portugueza ás terras da Lunda.

O que se tem feito porém?

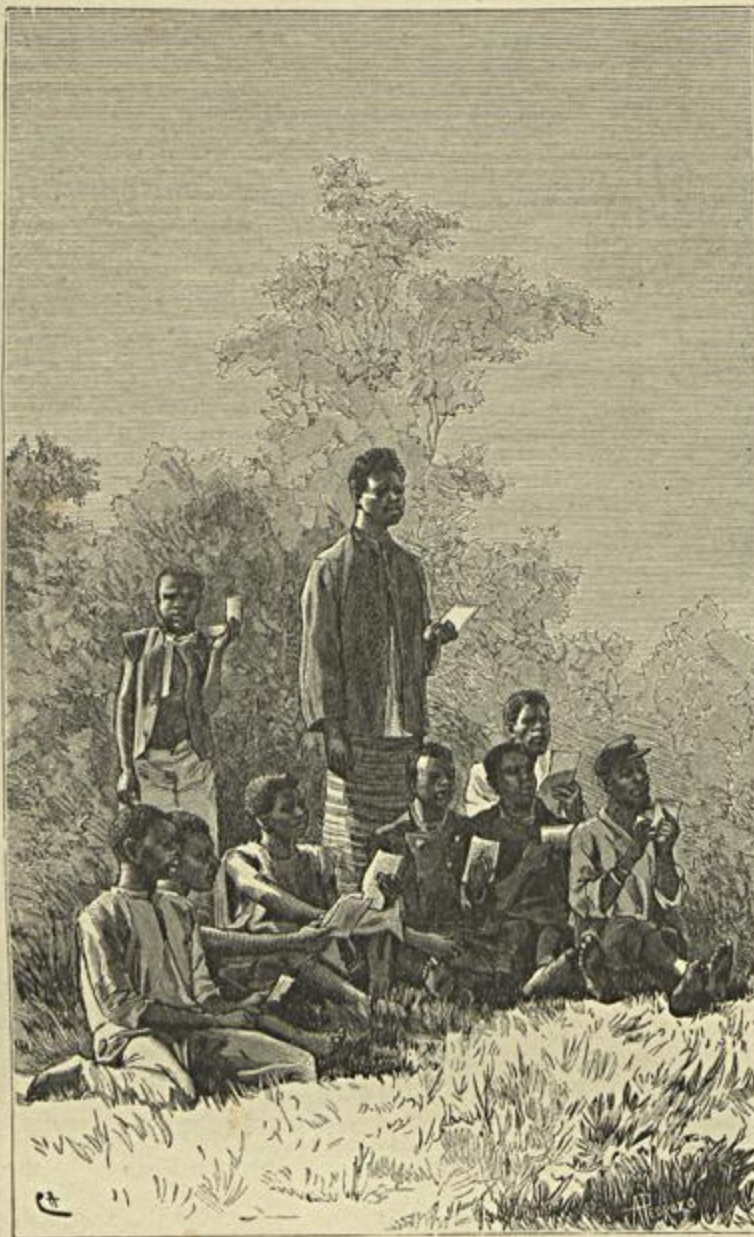
Em 3 de maio de 1889 dirigiu o sr. Henrique de Carvalho um officio em que chamava a attenção do governo da metropole para os seguintes factos:

O Muantiânvua eleito não queria exercer o logar de chefe do Estado da Lunda sem ter a certeza de que o rei de Portugal o tomava sob a sua protecção. Para este fim veio da Lunda uma embaixada a Loanda.

De Lisboa mandou-se dizer ao major Henrique de Carvalho que o governador geral de Angola estava auctorisado a negociar com a embaixada; mas o melhor de tudo isto foi que o governador não estava em Loanda e não deixara ninguem auctorisado a tratar com os *lundas!* Se este facto se desse com a Inglaterra mandava-se a toda a pressa um membro da familia real receber os pretos que nos vinham entregar um imperio como o Brazil.

«Felizmente por causa de umas complicações que se deram com a moeda de cobre» (diz no seu livro o major Carvalho) «foi um navio de guerra ao sul participar ao governador geral o que se estava passando e elle veio n'esse navio.

Sempre a mesma questão que tem arruinado este paiz — ninguem se meche senão por qualquer de estes dois motivos: *dinheiro* ou *eleições*.

Só então é que os pretos tiveram

ESCOLA NO CAMPO

ensejo de fazer declarações de uma ordem tal, que, se não havia principe que fosse á Africa eram elles que deviam ser conduzidos a Portugal e aqui recebidos pelo proprio rei. É assim que se faz em paizes onde ha amor pela patria e onde a bandeira não serve para cobrir mezas de jogo.

Na forma do costume como se não tratava de nenhum dos *dois motivos* acima apontados, o governador não tinha instrucções de especie alguma, e viu-se na necessidade de mandar abonar aos embaixadores um tostão por dia, senão morriam de fome. Com a sahida porém do major para Lisboa cessava o abono. A junta de Fazenda de Loanda mandou-lhe dar vestuario e peças da fazenda, mas com isto não comiam elles! Accudio o major com uns cincoenta mil reis em cobre. Os pretos acceitaram e partiram para o interior; no Dondo e em Malanje alguns negociantes, bons patriotas, beneficiaram-nos com peças de fazenda; em Malange porem o chefe da embaixada, declarando que vindo n'ella um filho do proprio Muatiânvua, disse que não podia partir para NE. sem levar uma resposta ao imperador da Lunda e mesmo porque temiam a passagem do Cuango.

Um anno esteve a embaixada em Malange. Os estrangeiros que hoje enxameiam n'Africa mandaram logo dizer ao Muatiânvua que a embaixada estava presa em Malange e que eram, áquella hora escravos de Muene-Puto.

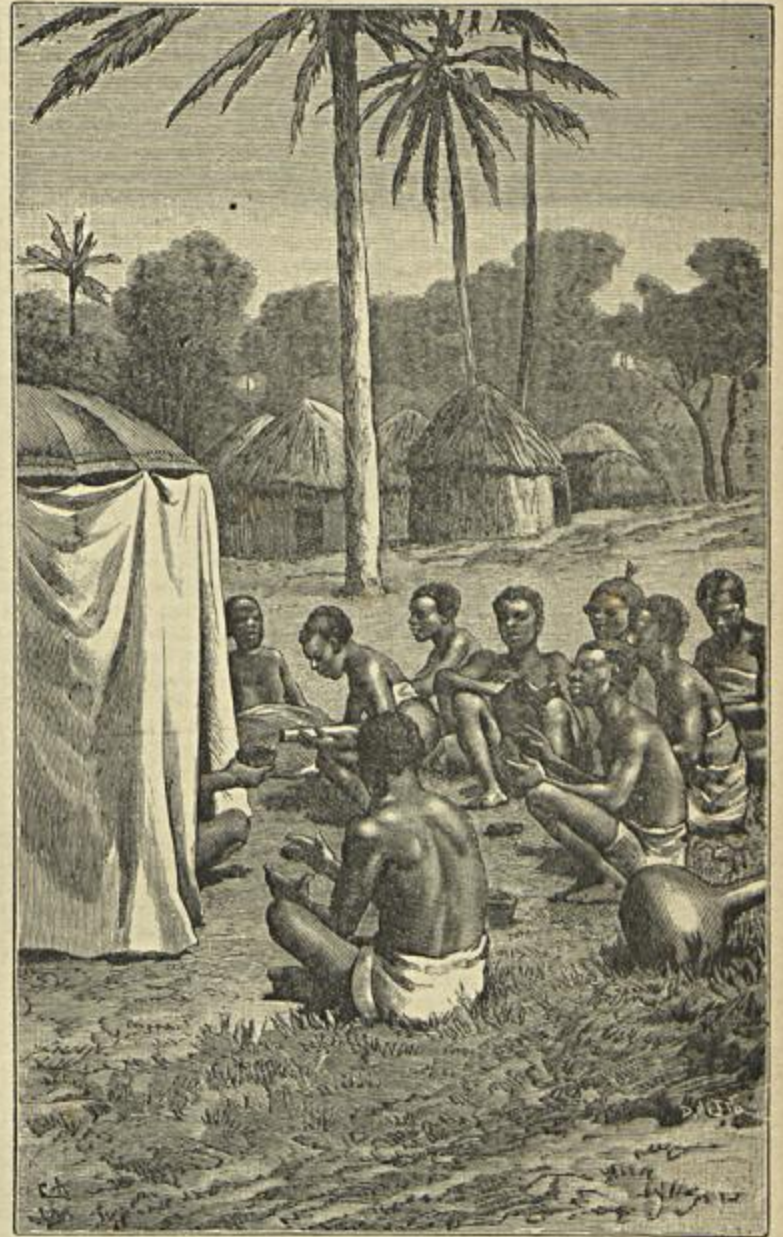
Não foi possivel saber mais de tal embaixada, e as ultimas noticias eram que tanto o filho do imperador como o resto da comitiva estavam na ultima miseria, não se atrevendo a voltar á Lunda!

*
* *

O livro do sr. Henrique de Carvalho tem 908 paginas, parece-nos um pouco grande. Os nossos livros sobre assnmptos africanos teem de ser pouco volumosos; mais vale di-

ESTAÇÃO LUCIANO CORDEIRO

VIAGEM A' MUSSUMBA DO MUATIANVUA

O CHEFE RECEBENDO O MUATIANVUA

VALLE DE CAMAU

O MUATIANVUA BEBENDO MALUFO

PONTE DO CUANGO, CONSTRUIDA PELA EXPEDIÇÃO

(Gravuras extrahidas da *Descripção da Viagem ao Mussumba do Muatianvua*, pelo major *Henrique de Carvalho*)

vidir a materia em dois ou trez tomos. Dizemos isto porque temos ouvido a alguem queixar-se, lamentando que por isso estes livros não tenham a leitura que deveriam ter.

Feito este pequeno reparo, só no sentido de que a obra tenha o maior numero de leitores, continuemos.

A parte do livro que se refere ás missões agricolas é muito interessante.

«Mas para que a agricultura», diz o major H. de Carvalho, «em Africa seja remuneradora e se torne um incentivo regenerador dos seus indigenas, transformando-os em uteis auxiliares da nossa causa, carecemos mais em principio de uma boa orientação para levar a cabo o plano que com antecedencia se fixar, do que de dispendio de grandes capitaes por emprezas particulares que só tenham em vista lucros immediatos, actuando livremente sem obediencia aos principios a que tiver de ser subordinado esse plano, que só o governo póde estabelecer.»

«Não devemos pensar em aproveitar na Africa os terrenos para ensaios de culturas que lhes são estranhas, e sim tratar das conhecidas e que lhe são proprias, que se podem classificar em duas classes — as de productos de consumo local e as já consideradas ricas.»

«Pertencem ás primeiras: mandioca, feijão, milho, batata, arroz, ginguba. etc.; e ás segundas: cana sacharina, café, cacau, algodão, gomma elastica, beterraba, etc., productos que pela abundancia e boa qualidade sirvam de incentivo no proprio local ao estabelecimento de industrias que os aproveitem.»

A Africa é dos africanos e para os africanistas, dissémos, aqui, no Occidente quando escrevemos o artigo sobre o explorador V. L. Cameron, e é esta tambem a opinião do major H. de Carvalho.

Ainda bem que nos chega um livro de um homem de sciencia confirmando as nossas palavras.

A Africa pertence aos indigenas e aos que os teem civilisado. É um erro capital querer impôr ali costumes e alimentos que não sejam africanos; é preciso que a educação, a industria e o commercio sejam adaptados ao clima e a usos que não sejam selvagens mas que não sejam tambem europeus. Como póde haver permuta de productos, se formos para lá conseguir genero semelhante ao da Europa e que ha de sempre ser-lhe inferior? Bem sabemos que o europeu procura alimentar-se dos productos com que foi creado, mas a pouco e pouco podia muito bem ir amoldando-se ás fructas, legumes e carnes do paiz. Porém, na generalidade, o colono não faz isso e desvia quanto possivel, os filhos, do alimento africano.

Comnosco, quando lá estivemos em uma commissão de serviço ás ordens do ministerio da marinha, deu-se exactamente o caso contrario; preferimos sempre a carne de *antilope* á de vacca ou carneiro, á *manga* e *cajú* á melhor pêra ou laranja, e o *pirão* de carne ou de peixe ao melhor arroz, *inclusi é* o de Veneza.

E, emquanto as familias de classes educadoras não sustentarem os filhos pela fórma já indicada, nunca havemos de ter uma população de *elite*, illustrada; mas africana, puramente *africana!*

Com respeito ao commercio, ás industrias e á agricultura, tambem se deve procurar seu desenvolvimento segundo os usos e creando industrias locaes, *africanas*.

Em Novo Redondo plantou se batata da Europa e veio a vender se em Loanda pelo mesmo preço que a metropole, pois o productor nada lucrou; e. como tinha um grande pessoal nas suas propriedades agricolas, continuou a cultura mas sómente para sustento d'esse pessoal e não mais pensou em concorrer com os mercados europeus.

O sr. major Henrique de Carvalho é de opinião que não póde haver exportação sem haver antes consumo, é certo porém que o indigena necessita primeiro de ser productor, em seguida consumidor, e só depois é que está no caso de ser exportador

Tambem está a meu lado este illustrado africanista, entendendo que só as missões de padres illustrados podem ainda conservar-nos as colonias.

Não ha muito que em um banquete no qual estavam presentes mais de cem convivas, affirmei estas mesmas doutrinas que foram extraordinariamente aplaudidas e por isso faço minha a seguinte phrase de Henrique de Carvalho. «Mas o educador «hade ser o missionario, o propagandista que abne «ga de si e sabe soffrer, renunciando á propria vontade, só para diffundir a fé christã.»

*

* *

No caminho de Mona Mahango a Angunza Muquinji fica o *valle Camau* ou valle das Amarguras; é esta a região que inspirou a Henrique de Carvalho aquelle soberbo capitulo sobre a necessidade das missões agricolas e boas condicções do valle para uma estação civilisadora, por isso o damos na gravura da pag. 245.

A ponte do rio Cuango dâmal o em gravura para se avaliar a simplicidade com que o major construiu as suas pontes.

A estação *Luciano Cordeiro* é a habitação do major junto ao palacio do Muatiânvua, imperador da Lunda.

A cabaça de malufo, O chefe recebendo o Muatiânvua e *O Muatiânvua bebendo malufo* são gravuras elucidativas mostrando personagens gradas e sendo prova de que o senhor dos *lundas* não bebe deante dos seus subditos o que seria uma quebra de dignidade.

Manoel Barradas.

OS AUTOGRAPHOS DE CHRISTOVAM COLOMBO

XVIII

(Continuado do n.º antecedente)

O arcebispo de Sevilha, de quem o grande almirante falla n'esta sua carta, foi Frei Diogo de Deza, perceptor do infante D. João, filho dos reis catholicos Fernando e Isabel. Teve depois o cargo de confessor da rainha e em 1504 foi transferido para o arcebispado de Sevilha e por fim para o de Toledo. Era um bello caracter: a elle deveu Christovão Colombo toda a protecção que a rainha lhe concedeu para realisar as suas viagens ao novo mundo.

O *Adelantado das Indias*, a que Christovão Colombo se refere, foi seu irmão D. Bartholomeu, nomeado para esse elevado cargo em 22 de julho de 1497, Em 1515, pela morte d'este, foi o logar de adelantado das indias dado a D. Diego Colon, filho do almirante.

XX

(no sobrescripto) A mi muy caro fijo D. Diego Colon. — En la Corte.

Mi caro fijo: Diego Mendez partió de aqui lunes 3 de este mes. Despues de partido fablé con Americo Vespuchy, portador desta, el cual va allá llamado sobre cosas de navegacion.— El siempre tuvo deseo de me hacer placer: es mucho hombre de bien: la fortuna le ha sido contraria como á otros muchos: sus trabajos non le han aprovechado tanto como la razon requiere. El va por mio y en mucho deseo de hacer cosa que redonde á mi bien, si a sus manos está. Yo non sé de aca en que yo le emponga que á mi aproveche, porque non sé que sea lo que allá le quieren. El va determinado de hacer por mi todo lo à èl que fuese posible. Ved allá en qué puede aprovechar, y trabajad por ello, que èl lo hara todo y fablará y lo porná en obra; y sea todo secretamente porque non se haya dél sospecha. Yo, todo lo que se haya podido decir que toque à este, se lo ha dicho y enformado de la paga que á mí se ha fecho y se hay.— Esta carta sea para el Sr. Adelantado tambien, porque él vea en que puede aprovechar y le avise dello.— Crea su Alteza que sus navios fueron en lo mejor de las Indias y de mas rico; y si queda algo para sabermos de lo dicho yo lo satisfaré allá por palabra, porque ès imposible à lo decir por escrito. Nuestro Señor te haya en su santa guardia. Fecha en Sevilha a 5 de Febrero.

Tu padre que te ama mas que á si.

S
S A S
X M Y
XPO FERENS.

Americo Vespucio começou a sua vida nos misteres mercantis; enfastiado dos exercicios commerciaes entregou-se ao estudo da cosmographia e nautica, paixão que ainda mais se desenvolveu com a amisade que elle travou com Christovão Colombo em casa do commerciante florentino João Berardi, muito dado ao armamento de navios para as Indias.

Fez então algumas viagens com bons resultados tornando-se muito fallado na Europa.

El-rei D. Manoel, ao ter conhecimento da sua habilidade como navegante e amigo do glorioso descobridor do novo mundo, escreveu lhe tomando o ao seu serviço.

Vespucio veio em 1501 tomando conta de tres navios que já achou armados, partindo a 10 de maio a reconhecer as costas do Brazil. Depois d'uma trabalhosa viagem de 18 mezes e 28 dias regressou a Lisboa trazendo de menos um navio que teve de mandar queimar por se achar inutil para a navegação.

Emquanto ao dar se ao novo mundo descoberto por Christovão Colombo o nome de America, em homenagem a Americo Vespucio, diz M. Henri Chatrin que esse roubo *é o mais gigantesco de que a historia guarda a lembrança.*

E, com effeito, nada de mais ingrato se póde esperar das gerações. Linneu descobrindo a natureza das plantas é esbulhado d'essa gloria por Adamson e Jussieu; Niepce inventando a photographia no estanho e em vidro foi roubado no seu invento por M. Daguerre, que injustamente deu o seu nome ao mesmo invento, se bem que aperfeiçoado, mas de todos esses roubos de gloria o mais revoltante é o de se dar o nome de *America* aos novos continentes descobertos por Colombo.

Devemos dizer, todavia, para desaggravo da memoria de Americo Vespucio, que esse notavel navegador italiano não foi por fórma alguma culpado n'essa grande iniquidade. O proprio Christovão Colombo o classifica *como homem de bem, que sempre mostrou por lhe ser agradavel*

O auctor d'este latrocinio foi um obscuro sabio allemão, Martin Waldseemüler, que publicando em 1507, (cinco annos antes da morte de Vespucio) um livro intitulado *Cosmographiæ Introductio*, dedicado ao imperador Maximiliano I, poz o nome de America *á quarta parte do mundo*, e, o que é verdadeiramente assombroso é que o injusto nome ficou ao novo mundo em vez do de *Colombia*, como aliás seria de justiça, entretanto que o reles geographo ia colhendo grossos proventos das repetidas edições do seu livro, obra que se tornou popularissima e correu mundo como as mortiferas epidemias do Levante.

Diz-se que Las Casas, amigo e companheiro de Colombo e seu historiographo, ao saber d'essa iniquidade nascente, protestou energicamente contra a odiosa extorsão, mas a voz do honrado religioso não foi ouvida como desprezados haviam sido os seus clamores pedindo piedade para os indios, massacrados pelas espadas dos ferozes e sanguinarios conquistadores dos paizes recentemente descobertos.

A apostrophe que elle dirigiu aos partidarios de Americo Vespucio acha-se na sua *Historia de las Indias*, que ficou até hoje inedita!

Muñoz na sua *Historia del Nuevo Mundo* tambem em phrase de fremente indignação fustiga esse roubo infame.

XXI

(no sobscripto, pela mão do almirante) *A mi muy caro fijo Don Diego Colon — En la Côrte.*

Segue-se com outra letra:

«Muy caro fijo: El licenciado de Cea és persona á quien yo deseo honrar El tiene á cargo dos hombres, sobre los cuales la justicia tiene proceso, como se paresce por esta informacion que aqui en esta va. Ten forma que Diego Mendez ponga esta dicha peticion con las otras en la Semana Santa que se dá à su Alteza de perdon: y si saliese despachada, bien: y si no, ved otra forma porque se despacha.— Nuestro Señor te haya en su santa guarda. Fecha en Sevilla a 25 de Hebrero de 1505. — Con Amerigo Vespuchy te escrebi: primera que te envie la carta, salvo si ya la hobieste.»

(O que se segue é da mão do almirante).

A lo que = tu padre

Xpo Ferens.

Esta é a unica das cartas que se descobriram no archivo do duque de Veraguas (avô do actual duque) que não é toda da letra de Christovão Colombo. Nota-se-lhe a firma que é feita em letra minuscula. Como se vê foi escripta deseseis mezes antes da morte do glorioso navegador, e é dirigida e assignada por elle proprio.

XXII

(no sobscripto) Al Señor Ebajador Micer Nicolo ...rigo

Señor. La soledad en que nos habeis dejado no se puede decir. El libro de mis escrituras di a Miçer Francisco de Ribarol para que os le enbie con otro traslado de cartas mensajeras: del recabdo y el lugar que porneis en ello, a pido por merced que lo escribais a Don Diego. Otro tal se aca-

bara, y se os enbiara por la mesma guisa y el miesmo Micer Francisco. En ello fallareis escritura nueva. S· A. me prometieron de me dar todo lo que me pertenece, e de poner en posesion de todo a Don Diego como vereis. Al Señor Micer Juan Luis y a la Señora Madona Catalina escribo: la carta va con esta. Yo estoy de partida en nonbre de la Santa Trinidad con el primer buen tiempo, con mucho atavio.

Si Gerónimo de Santo Esteban viene debeme esperar y no se enbaraçar con nada; porque tomarán del lo que pudieran, y despues lo dejaran en blanco. Venga acá, y el Rey y la Reyna le recebirán, fasta que yo venga. Nuestro Señor os haya en su santa guardia. Fecha a xxi de março en Sibilla 1502.

A lo que mandaredes

S
S A S
X M Y
XPO FERENS

*
* *

Nicolau Oderigo, a quem Christovão Colombo se dirige tão affectuosamente, achava-se então como embaixador da republica de Genova junto aos reis catholicos Fernando e Isabel.

No sobscripto d'aquella carta as syllabas *Ode*, do nome do destinatario, acham se sumidas a ponto de não se poderem lêr.

Francisco Ribarol, ou melhor: *Francisco de Rivarola*, foi um rico banqueiro e armador de navios estabelecido em Andaluzia.

XXIII

Carta dirigida por Christovão Colombo ao Banco de St. George de Genova.

(no sobscripto) A los mui nobres Señores del muy magnifico oficio de San George a Genua.

Muy nobles Señores:

Si ben que el cuerpo ande acá, el coraçon está ahi de continuo. Nuestro Señor me ha fecho la mayor merced que depues de Dabid el aya fecho anadie. Las cosas de my empresa ya luze y faria gran lumbre se la escuridad del gobierno no le encobriera. Yo buelo a las Indias é nombre de la Santa Trinidad pa tornar luego, y como yo soy mortal deso a D. Diego, mi fijo, de la Renta toda que se oviere, que os acuda ali cō el diezmo de toda ella, cada un año pa siempre pa el descuento de la Renta del trigo y bino y otras butualias comederas, si este diezmo fueré algo recebildo y se no recebid la voluntad que yo tengo a este fijo mio vos pido por merced que tengaes encomendado. Micer Nicolo de Oderigo sabe de mis privilegios y cartas mas que yo proprio e le hey enbiado el traslado, los ponga en buen guardia. Folgaria que los viesedes, el Rey y la Reyna. Mis S. me quiere horrar más que nunca la Santa Trinidad. Vuestras nobles personas guarde y el muy magnifico oficio acresciente. Fecha a Sebilla a 2 dias de abril de 1502.

El Almirante mayor del mar Oceano y Viso Rey y gobernador general de las yslas y tierra firma de Asia y Yndia del Rey y de la Reyna mis Señores, y su capitana general de la mar y del su consejo.

S
S A S
X M Y
XPO FERENS.

*
* *

Claro está que não transcrevemos aqui o texto com a ortographia que se acha no original photographado nos codices e livros que no começo d'estes nossos artigos mencionámos. Desse original vem tambem uma photographia no recente livro de Mr. Henry Harisse, intitulado *Christopher Columbus and the Banc of Saint George* bem como uma photographia do que era aquelle edificio no seculo xv.

A *casa* ou *Ufficio de Sancto Giorgio*, chamada depois no seculo xvii. *Banca di San Giorgio* foi fundada em 27 de abril de 1407 por uma grande sociedade de capitalistas, credores da republica de Genova. Foi banco de grande nomeada e desenvolvimento nos seculos xvi, xvii e xviii e serviu de modelo á formação das companhias das Indias fundadas na Inglaterra, França e Hollanda, bem como para as companhias de Credito Movel e de Amortisação fundadas depois. Gosou de extraordinario credito não só em toda a Italia como nos paizes extrangeiros.

Christovão Colombo tanta confiança tinha n'este banco que ahi depositou todos os seus bens, *em quanto poude fazel-o*, pois que é notorio que esse grande homem viveu por favor de *emprestimos*, como elle proprio o diz n'uma sua carta. Os pagamentos das suas rendas eram lhe retidos por Nicolau Ovando, esse homem infame, favorito do rei Fernando, que foi enviado ás Indias como governador geral, vivendo ali como um verdadeiro delapidador, exercendo o seu governo com a mais vil tyrania, massacrando os indios e commettendo toda a sorte de crueldades, torpezas e latrocinios. O seu nome ficou indelevelmente marcado na historia com o ferrete da ignominia... Eis o homem que roubava descaradamente a Christovão Colombo as honras e as riquezas!...

Mas como a Providencia não dorme, chegou a Ovando a occasião de ter o justo castigo que mereciam os seus crimes sendo por fim destituido das honras que lhe haviam sido conferidas e revestido n'ellas Diogo Colombo, o filho primogenito do grande almirante.

XXIV

(no sobrescripto) Al muy virtuoso Señor El dotor Micer Nicolo Oderigo.

Virtuoso Señor—Quando yo parti por el viase de adonde yo vengo, os fable largo; creo que de todo estabistes en buena memoria. Crehe que en llegando lalleria yo vuestas cartas y... *(aun)* persona con palavra. Tanbien a ese tiempo dese a Francisco de Ribarol un libro de traslados de cartas y otro de mis privilegios en una barjata de cardoban colorado con su cerradura de plata, y das cartas para el Oficio de S. Georgi, al qual atrebuya yo el diezmo de mi renta para en descuento de los derechos del trigo y otros bastimentos: de nada de esto todo no sey nuebas. Micer Francisco diz que todo llegó alla en salvo. Se ansi és descortezia fué destes Señores de S. George de non haber dado respuesta ni por elle ha acrescentado la hazienda: y esto és cousa que se diga que quien sirve a comum non sirve a ningun. Otro libro de mis privilegios, como lo sobre dicho, dese en Calis a Franco Catanio portador desta, para que tanbien os enbiase; el uno y el tro fuesen puestos en buen recabdo, adonde de vos fuese bien visto. Una carta receby del Rey y de la Reina mis Señors a ese tiempo de la my partida: alá esta escrita; vedela que vino muy buena: parende Don Diego non fue puesto en la posesion ansi como fue la permera.

Al tiempo que yo estaba en las Indias escribi a Sus Altezas de mi viase por tres y quatro vias, una bolvio a mis manos; y ansi cerrada com esta as la enbio, y el suplimento del viaje en otra letra para que le deis a Miçer Joan Luiz con la otra del abiso, al qual escribo, e que sereys el leitor y enterprete della. Vorria carta de ser de veer y que fableu cabto del proposito em quedamos Yo llegé acá muy enfermo en ese tiempo falecio la Reyna my Señora (que Dios tiene) sin verla. Fasta agora non os puedo dezir en que pararám mis fechos: Creo que S. A. lo habra hien probeydo em seu testamento y el Rey my Señor muy bien responde Franco Catanio os dirá el resto largo. Nuestro Señor os aya em seu guardia. De Sebilla xxvii de deziembre 1504.

El Almirante mayor das mar Oceano, Viso rey y Gobernador general de las Yndias etc.

S
S A S
X M Y
XPO FERENS

XXV

Memorial de Christovão Colombo aos reis catholicos sobre as cousas necessarias para abastecer as Indias

(Escripto inedito de Christovão Colombo descoberto pelo laborioso escriptor colombiano, M. Harry Harrisse na vasta bibliotheca do marquez de S. Romão em Madrid) [1]

Vuestras altezas mandaron que se fyciese memorial de las casas que eram menester para ser hastecidas las Indias y segund my parecer és menester lo seguinte.

[1] Este manuscripto não é datado, e pelo texto mal se póde saber a época em que em joi escripto. Parece a Mr. Harrise que teria sido escripto antes de 15 de junho de 1497. É o mais antigo que se conhece.

Primeramente.

Seis navios para cuatrocientos ou quinientos hombres que son menester para subjudjar la isla espaniola, segund mi parescer, destes ay en la dicha isla cuatro navios, los dos son de V. A. y el uno que se llama la Nyña esla mitad de V. A. y la mitad mio. El outro que se llama *lavaqueños* és la mitad de V. A. ela otra la mitad de una biuda vecina de Palós.

Y destos dos navios que faltan para ser seis, és menester sean de ciento e veinte toneles cada uno por suplir la falta de las otros que son mas pequenos, y seran mas baratos comprar que lo fletarlos y ansi mesmo los marineros que sean abydos asueldo y no por su flete por que sera mas barato y meyor servidos.

Y para los abituallar y ser la gente mantenida és menester que sea desta manera la tercia parte de vyscocho que sea bueno y bien sazonado, y que no sea anejo porque se pierde la mayor parte dello y la tercia parte en trigo.

Mas és menester vino y tocino, y aceite, y vinagre, é queso, é gravansos, é lantejas, é habas, é pescado salado, é redes para pescar, é myel, é arroz, é almendaras, é pasas.

Mas para los Navios ser reparados és menester pez, é estopa, é clavos, é cebo, é manguetas, é fierro, é pellejos.

Mas entre la gente que fuere en los navios son menester estos, oficiales que son calafates, é carpinteros, é toneleros, é alleradores, é ferrador, é sierras e se llevar és mas barato.

Y mas és menester que los navyos que llevem ganado, ansi obejunos como vacuno é cabruno, y esto que sea nuevo y puedan lo tomar de las islas de canaria porque se abra mas barato e és mas cerca.

E's mas menester que se lleve para su vestuario lienzo e paño e calzado, filo, agujas, fusta, cañamazo, bonetes e para los caballos, fillas e frenos e espuelas.

E's mas menester para los navios que fueren como para la gente que alla residiere ansi armas lonbardas para los navios e lanzas e espadas e puñales e vallestas e madexuelas para las vallestras, e almacen para las valestras.

Ansi mismo de las cosas que son menester para curar los enfermos el padre fray Juan informara a V. A. de lo que será menester.

Si estas cosas suso dichas se ovieren de dar por racion és menester que sea puesta una persona de buena conciencia para que dé a cada uno su derecho, no quitandole nada de que le pertenece, e sy se acordase que no sea por racion és menester que les haja alla alguna pagua de su sueldo en dineros para que lo aya de comprar.

Ansi mesmo és menester una persona que sea de buena conciencia y guarde a cada uno su justicia y que los trate ansi como és menester, porque si los que hoy lo tienen lo posuen, de aqui adelante no digo los christianos mas los indios dejarón la tierra porque son tratados ansi los unos como los otros, más siguiendo la crueldad que la razon y justicia, y porque hay muchos de los que allá éstan que queiran abecindar é menester quel que tal cargo llevare lleve poder para los facer aquel partido, y dar libertad segun vega és menester.

S
S A S
X M Y
Xpo FERENS.

(Continúa).

Silva Pereira.

REVISTA POLITICA

Fallou afinal a urna, e se ella não fallou precisamente como a burra de Balaam para reprehender os que abusam das suas fragilidades, nem por isso as surprezas foram menores desde os Caetanos até Agueda, de Thomar até ás Caldas, de Setubal até Penacova, de Grandola até ao Cartaxo com todas as chapeladas e legiões de eleitores arregimentados, não fallando em todos os Nenos um poucochinho exigentes que venderam o voto a 1$450, em concorrencia com os Marthas que se venderam a 300 réis, o que foi realmente uma redicularia se attender-mos ao valor da sua preciosa pelle.

A urna fallou e se não expremiu nitidamente o voto popular, é porque, emfim, esse voto é um mytho, em que todos fallam mas ninguem conhece, por que muitos chamam mas que ninguem quer, por ser pouco parlamentar e ás vezes um nadinha esqualido, quando não se liquida a uns tantos mil

réis por cabeça na banca de qualquer escrivão do crime

Francamente nós ainda não conhecemos outro voto popular, por mais livre que lhe apresentem a urna, e no dia em que lhe não derem uma lista com o nome do candidato que elle tem que eleger sem o conhecer, n'esse dia não apparece lá e os escrutinadores apenas terão que escrutinar algumas moscas indiscretas que gulosamente entrem na urna.

D'ahi as deligencias que é preciso empregar para que, emfim, se elejam uns tantos representantes do tal voto popular, que não representa cousa nenhuma, e depois de um trabalho insano das auctoridades e de uns tantos cidadãos que coadjuvam essas auctoridades, lá se fabrica a pseudo-representação nacional ao sabor dos que dirigem as manobras eleitoraes, e o tal voto popular só se manifesta depois, nas libações de Baccho em alegres expansões bonacheironas, ou em pezarosas cacetadas inreverentes consoante os effeitos produzidos pelas ditas libações.

E' esta a grande massa eleitoral, entremeada com uns poucos de eleitores de favor, que offerecem esse sacrificio a quem o não podem negar, e o resto fica em casa commodamente sem se importar nem saber se é dia de eleições ou não.

Este resto orça por metade dos eleitores que nunca ninguem se gabou de vêr ir á urna, ou de saber a idéa que faz de tudo o que o cérca e do meio em que vive.

São os felizes!

E' assim que a urna perde toda a sua significação moral e que tanto valor tem a derrota dos vencidos como a victoria dos vencedores.

As eleições estão feitas nos recenseamentos. Ali se repartem os votos por uns tantos influentes politicos. Depois são esses influentes politicos que elegem os deputados conforme as suas conveniencias, representando essas conveniencias, mais ou menos pressões ao governo, mais ou menos sacrificios ao contribuinte porque tudo emfim se vae reflectir no orçamento do estado, nas finanças do thesouro.

A's eleições e só a ellas se deve essa agglomeração de empregados que regorgita nas repartições publicas, essa infinidade de negocios mais claros ou mais escuros que importam protecções nem sempre conformes com a justiça nem com as conveniencias da administração, mil nadas que representam pequenas infracções das leis, o que tudo summado dá a desordem, os desequilibrios, a confusão dos negocios publicos.

São ellas, as eleições as cumplices de todos estes attentados, por isso quanto mais eleições se vão fazendo peior vamos ficando.

As eleições que acabaram de se realisar, foram talvez mais livres que outras suas antecessoras. Não se dispensaram as graças e favores que costumam acompanhar este acto da vida constitucional, não havia por onde talhar á vontade, a quadra é de vaccas magras mesmo escanzeladas, tysicas, e por isso as hesitações foram tantas e as surprezas ainda maiores, e a não menor foi a do sr. presidente do conselho ficar fóra do parlamento.

Este caso raro é a prova mais frisante de quanto o governo deixou a urna livre e de quanto elle foi extranho ás prestidigitações que para ahi se fizeram em varias assembleas, ás compras dos Nenos e dos Marthas, ás ciladas de Agueda, e ao milagroso caso de Penacova que dá eleito, á ultima hora, deputado o sr. presidente do conselho sem elle saber d'isso.

Este caso tem tanto de prodigioso como de agourento conforme a opinião do sr. Mendonça e Costa que logo concluiu, segundo consta, que o ministerio estava com o *pé na cova*.

E o certo é que não falta para ahi quem veja no calemburg uma ameaça tremenda, que tenha a melhor vontade que ella se realize, não sabemos se com a intima convicção de que se acha possuido de querer salvar a patria, depois de tanto a ter empurrado para o abysmo. Sim é bem de suppor que nenhum portuguez virá n'este momento tentar derrubar o governo, sem que tenha lá o seu plano bem maduro de fazer coisa melhor que o actual governo, e n'esse caso venha de lá o tal plano maduro, para que todos nos curvemos perante o seu auctor, que não reconheceremos como rei da madureza, unicamente para não ficarmos todos seus subditos maduros.

Outro caso curioso e comico até, fornece a eleição do sr. conde de Burnay pelo circulo de Thomar. Em cada dia que tem passado depois do acto eleitoral apparece nos noticiarios e telegrammas alternadamente vencedor o sr. conde de Burnay e o sr. Silva Amado seu competidor. A *blague* excedeu tudo quanto se possa imaginar. O sr. conde de Burnay tinha assegurado o seu triumpho com as generosidades da sua bolsa mandando reconstruir egrejas, mobilando hospitaes, procedendo emfim como um verdadeiro benemerito da humanidade; mas por fim não lhe valeu esta benemerencia e a humanidade sempre ingrata, disputou-lhe a eleição até ao ultimo voto.

Depois de trabalhosos calculos e varias contradanças de cifras o sr. conde perdeu a eleição por um voto. Chama-se a isto chegar a Roma e não ver o Pápa.

Por ultimo o resultado das eleições deu uma grande maioria aos regeneradores, o que naturalmente não é visto com bons olhos pelos progressistas e republicanos, apanhando estes ultimos cinco deputados.

Lá se haverão todos no seio da representação nacional, onde é de esperar novas surprezas que deixarão a perder de vista as que a urna acaba de produzir.

João Verdades.

PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:

O Districto de Damão *apontamentos d'uma administração colonial* por Jayme Pereira de Sampaio Forjaz de Serpa Pimentel, ex-governador de Damão, official da armada real, fidalgo cavalleiro da casa real, cavalleiro da ordem militar de N. S. da Conceição de Villa Viçosa, socio da Sociedade de Geographia de Lisboa, etc. Lisboa, Livraria Ferin, 1892. Um vol. de 313 paginas in-8.º e 1 de erratas.

Este livro provocado por um conflicto entre o auctor e o primeiro Bispo de Damão, D. Antonio Pedro da Costa, explica principalmente aquelle conflicto, e expõe qual o estado pouco lisonjeiro em que se encontra o districto de Damão, apontando quaes os meios que se devem empregar para melhorar a administração e desenvolver os melhoramentos necessarios para arrancar Damão da ruina em que vae entrando.

São muito para attender as considerações que o sr. Serpa Pimentel faz sobre o estado do districto de Damão, e estamos certos que ellas aproveitarão ás estancias superiores e aos futuros governadores d'aquelle districto os alvitres apresentados pelo ex governador para melhorar aquelle Estado da India, o que o auctor não poude fazer pelos attrictos e opposição que encontrou e que originou o conflicto com a auctoridade ecclesiastica.

Com respeito á justiça que o ex-governador espera que lhe seja feita aos actos do seu governo, a exposição dos factos é bastante eloquente e crêmos que o governo a ella deve attender.

Viagem ás terras Goyanas Brazil Central por Oscar Leal, membro da Sociedade de Geographia de Lisboa, etc.; com um prologo por Pinheiro Chagas, illustrada e com um mappa do Sul de Goyaz etc. Lisboa, 1892. Um vol. de 255 pag.as in-8.º A respeito d'este livro diz, no prologo, o sr. Pinheiro Chagas o seguinte com que concordamos plenamente: «Viajante despretencioso o sr. Oscar Leal não aspira a pintar grandes telas, esgotar uma palheta de estylista na prodigalidade das côres. Conta simplesmente o que vê, dia a dia, o modo como o receberam, as alegrias e os contra tempos da sua existencia de excursionista, e ao mesmo tempo vae descrevendo as bellezas naturaes, consignando as suas observações ácerca do caracter dos habitantes, não esquecendo as tradições historicas, dando-nos emfim uma multidão de factos e de notas que satisfazem a nossa curiosidade e estimulam ao mesmo tempo o nosso appetite, de conhecermos ainda mais largamente esse interior do Brazil que ainda está tanto por desbravar».

Dr. Carlos Zeferino Pinto Coelho, — *26 d'agosto de 1892.* — *Esboço biographico.* 4 paginas in-folio com o retrato do biographado. Typographia da Casa Catholica, Lisboa. Justa homenagem prestada ao eminente jurisconsulto e chefe do partido legitimista em Portugal.

BRINQUEDOS SCIENTIFICOS NORTE-AMERICANOS

O ACROBATA

O VOLTEADOR

Adolpho, Modesto & C.ª — Impressores
R. Nova do Loureiro, 25 a 39